

Reflexões Feministas sobre o Sistema Político

*Anadilza Ferreira, Beth Ferreira, Carmen Silva,
Guacira Oliveira, Joana D'Arc da Silva, Priscilla
Brito, Rivane Arantes.*

Durante os anos de 2012 e 2013 uma equipe interinstitucional, constituída por integrantes de quatro organizações feministas brasileiras (CFEMEA – Centro Feminista de Estudos e Assessoria, Coletivo Leila Diniz, Cunha – Coletivo Feminista e SOS Corpo Instituto Feminista para a Democracia), aceitou o desafio de criar e desenvolver coletivamente um curso a distância, para refletir sobre o poder e discutir a participação política das mulheres. Esta iniciativa fez parte de um projeto comum com outras organizações feministas: *Mais Direitos e Mais Poder para as Mulheres Brasileiras*. A ideia de fazer um curso como este parte do reconhecimento de que a formação política é necessária para o fortalecimento do movimento feminista e de que a crítica ao sistema político brasileiro é um dos temas centrais para os movimentos feministas, atualmente, no Brasil.

Para delimitar os conteúdos a serem abordados tivemos que fazer escolhas entre diversas questões muito caras ao debate feminista sobre o poder e participação política. Tínhamos que eleger algo que pudéssemos executar em meio eletrônico e no período de três meses. A resposta só veio depois de uma série de debates, entre a própria equipe envolvida na preparação do curso e também em oficinas, para as quais convidamos algumas ativistas. Assim, criamos um curso que pudesse alimentar o debate e aprofundar as *Reflexões Feministas sobre o Sistema Político*, de modo a encarar o conjunto do problema e suas interdições, tanto à participação política das mulheres quanto à consolidação da agenda feminista na sociedade brasileira.

A decisão por realizar um processo virtual, que alcançasse mulheres em várias partes do Brasil, com ou sem engajamento em movimentos sociais, partiu da vontade de fortalecer a *Universidade Livre Feminista* como um espaço de formação e debate para os movimentos de mulheres e feministas. Apesar das dificuldades em adaptar a pedagogia feminista à educação a

distância, acreditamos que este formato pode nos ajudar a abrir possibilidades de inovação e acessibilidade, diante da ampliação do acesso à internet no Brasil.

Partimos da premissa de que as feministas, em especial no movimento de mulheres, que iriam se engajar nas campanhas eleitorais, seja como candidatas, integrantes de comitês eleitorais, parte do movimento de mulheres ou simplesmente como pessoas no exercício ativo da cidadania, encontrariam nesse espaço do curso uma fonte rica e rara para alimentar a sua participação política no contexto eleitoral, desde a perspectiva feminista.

58

Almejamos favorecer a reflexão crítica, feminista e antirracista sobre os limites do atual sistema político, da cultura política que o envolve e sustenta como também sobre as dificuldades que enfrentamos para participar da vida política, uma vez que vivemos assoladas pela dominação patriarcal, pelo racismo e exploração capitalista. Também foi nosso intuito dar a conhecer as alternativas feministas, construídas e debatidas na Plataforma dos Movimentos Sociais, para a Reforma do Sistema Político.

Deste modo, possibilitamos que o curso desse oportunidade às militantes feministas no movimento e em diferentes partidos, assim como às estudantes, professoras e pesquisadoras, um espaço coletivo para refletir sobre o sistema político, em especial no que se refere ao processo eleitoral. Favorecemos, assim, a elaboração coletiva e crítica ao caráter excludente e elitista deste sistema; o diálogo sobre as experiências das feministas e do feminismo nestes espaços e a discussão sobre estratégias para avançar com a plataforma feminista e antirracista no debate público sobre a Reforma Política.

A partir da crítica feminista ao sistema político buscamos incitar e complexificar a discussão sobre a demanda de “mais mulheres no poder”. Provocamos as participantes do curso a abandonarem a defesa rasa dessa luta, que se amparava comodamente no sucesso da eleição da primeira mulher à Presidência da República e aprofundarem a crítica à proposta de empoderamento individual das mulheres. Para tanto, oferecemos subsídios e suscitamos questionamentos sobre as bases patriarcais, racistas e capitalistas, que sustentam o sistema político, estruturado na exclusão das mulheres e outras minorias políticas.

Por outro lado, estimulamos a discussão sobre as alternativas que o movimento de mulheres e feminista colocou para o debate público da reforma política, em especial sobre a paridade entre homens e mulheres nos espaços

de poder e decisão, instigando o desvelamento da multiplicidade de fatores que inviabilizam, interditam e(ou) obstaculizam esta participação paritária.

Questões teórico-políticas centrais

O curso *Reflexões Feministas sobre o Sistema Político* foi um grande desafio e uma experiência preciosa para a equipe de educadoras, haja vista que, para a maioria de nós, era a primeira vez que lidávamos com educação a distância. Tivemos que explorar, conhecer e dominar os recursos disponíveis na *Plataforma Virtual do Moodle* e outras possibilidades que as tecnologias da informação oferecem para a interação entre as educadoras, as participantes e a secretaria de curso.

59

Há que se considerar também o fato de que foi a primeira vez que essa equipe trabalhou em conjunto e a distância, para o desenvolvimento de uma ação pedagógica. Portanto em que pese tantas novidades e os desafios que ela nos colocou, foi possível construir um ambiente estimulante de debate na equipe, com criatividade e companheirismo, fazer as adaptações tecnológicas e pedagógicas que se mostraram necessárias ao longo do curso, construindo alternativas ao que havia sido previamente planejado.

Para muitas das participantes do curso essa também era a primeira experiência com educação a distância e na *Plataforma Moodle*. Para enfrentar a sensação de separação e outras incertezas decorrentes do distanciamento físico das participantes, as educadoras e a secretaria de curso dedicaram-se, especialmente, à comunicação e a interação calorosa e acolhedora com as educandas, para gerar vínculos, confiança e ambiente de boa convivência neste espaço virtual. Nesse sentido, a primeira atividade consistia em uma apresentação das participantes e durante o curso a maior parte das educadoras criaram outras estratégias para manter este laço, como o envio de e-mails pessoais para as integrantes das turmas.

Cada um dos módulos esteve dedicado a um tema central, para o qual elaboramos um subsídio específico de leitura obrigatória, além de outros materiais complementares (artigos, vídeos, áudios) que alimentavam a discussão com todas as participantes. Ademais, algumas participantes também ofereceram material para subsidiar o debate. Para cada turma as educadoras apresentaram questões, visando alimentar a discussão. Estimulou-se, deste modo, a formulação de vários pontos de vista, assim como de outros questionamentos pelas próprias participantes do curso.

Em termos de conteúdo o insumo mais importante para a reflexão, proposta pelo curso, foi a experiência política das próprias participantes, muitas das quais eram também ativistas e militantes. Apesar de não termos a pretensão de adensar os seus conhecimentos, em teoria política e feminista, alguns conceitos fundamentais para refletirmos sobre o sistema político foram trabalhados desde o início. Por um lado, abordamos a dominação: compreensão do conceito de patriarcado, as interdições à participação política das mulheres, suas imbricações com o racismo e a exploração capitalista. Por outro lado discutimos a emancipação: a auto-organização das mulheres, como sujeitos da luta feminista para transformar o mundo e a “agenda feminista” para a reforma do sistema político.

Por fim, como não poderia faltar, lidamos com os conceitos de democracia, considerando a importância da luta democrática para promover a justiça social; de hegemonia e cultura política hegemônica, para ensejar uma postura crítica frente as estruturas de poder e as relações de dominação.

Dentre os temas mais polêmicos, entre as participantes, destacamos a relação entre os movimentos sociais e Estado; divergências entre as avaliações dos governos Lula-Dilma e a crítica à visão da democracia como única forma de governo viável. No final desta sistematização é possível ver a descrição detalhada da estrutura dos módulos do curso nas duas edições.

Dificuldades encontradas para a abordagem aprofundada do tema

Enfrentamos algumas dificuldades para desenvolver uma abordagem mais aprofundada e crítica do sistema político. A baixa frequência das participantes nos fóruns de discussão da primeira edição do curso, em cada turma, a princípio, foi preocupante. A primeira hipótese levantada para a baixa frequência, confirmada pelas justificativas da maior parte das participantes, era a de que as mulheres vivem cotidianamente com uma grande sobrecarga de trabalho, geralmente tendo que lidar com trabalho, estudos, cuidado com a casa e militância. Outra hipótese levantada foi a falta de acesso constante ao computador e com disponibilidade para a realização de um curso como o que foi proposto.

A partir de então as educadoras tomaram a iniciativa de contatar cada participante, individual e pessoalmente, para entender suas dificuldades e buscar formas de compatibilizar a dinâmica do curso com as suas

necessidades. Em muitos casos a iniciativa das educadoras foi fundamental para evitar a evasão, todavia, não conseguimos evitar que algumas abandonassem o curso. Faltou-nos tempo para analisar melhor o perfil dessas participantes, ou mesmo das que permaneceram no curso mas registraram poucas entradas na plataforma.

Em certa medida, fomos surpreendidas pelo alto grau de desconhecimento das participantes sobre as estruturas e regras básicas que organizam o sistema político brasileiro. Faltava muita informação a esse respeito, além das nossas expectativas, demandando mais tempo que o planejado para elucidar essas questões ao longo do curso.

O elenco de participantes do curso foi bastante diverso e estava alicerçado em patamares distintos, bem desiguais, de reflexão sobre feminismo, luta contra o racismo e a democratização do sistema político. Uma riqueza e, ao mesmo tempo, um desafio para as educadoras foi facilitar o debate sobre questões polêmicas, como: as divergências partidárias, avaliações conflitantes sobre o governo e discussões intensas sobre a agenda de luta feminista, notadamente no que se refere a questão do aborto. Em alguns momentos o ritmo da discussão teve que ser reduzido, para que todas pudessem acompanhar o debate. O desafio, neste caso, era encontrar o compasso certo para incluir as que estavam começando esta reflexão, sem desmotivar as que já vinham, há mais tempo, pensando, estudando e atuando sobre isso.

61

Diferenciais da pedagogia feminista na educação a distância.

A iniciativa, que se situa entre as pioneiras da pedagogia feminista na educação a distância, teve vários diferenciais. A singularidade do curso *Reflexões Feministas sobre o Sistema Político* reside no caráter coletivo do projeto, formulado e desenvolvido por uma equipe interinstitucional.

Na construção de processos educativos, o empenho das educadoras para dialogar com a realidade cotidiana das participantes, estimulá-las a estabelecer relações e nexos entre as questões debatidas no curso e os desafios enfrentados por elas no dia-a-dia possibilitou dar sentido aos conteúdos apresentados e otimizar a sua apropriação. A relevância dada ao acolhimento das participantes que enfrentaram maiores dificuldades de se expressar por escrito, ou mesmo às que eram novas neste debate, foi outro elemento que estimulou e enriqueceu a participação coletiva. Destaque-se

também a feição de facilitadora, desenvolvida pelas educadoras, sempre que os conflitos de posição teórica ou política emergiram. Com essa habilidade, foi possível enfrentar e refletir sobre as controvérsias apresentadas, de modo tranquilo e sem impasses.

Destacamos como diferencial a prioridade da própria temática, aprofundando a reflexão crítica do feminismo, à forma como se pensa e se faz política no cotidiano das organizações e instituições políticas do país. Ao fazer isso se evidenciou a agenda do feminismo, o desafio de seguir enfrentando as desigualdades e difundindo a paridade em conjunto com os movimentos sociais.

62

Em que pese a educação a distância ser uma novidade para a pedagogia feminista, a experiência do curso confirma ser esta uma alternativa para suprir a lacuna na formação política feminista, que há muito identificamos nos nossos movimentos. Por isso mesmo, a Educação a Distância – EAD – nos coloca frente a grandes desafios, que vão desde a melhor apropriação de suas concepções teóricas e metodológicas, pelas educadoras, até o domínio de suas ferramentas, pela equipe envolvida no desenvolvimento do curso e também pelas participantes.

Frente a novidade da EAD, foi de grande valia contar com o material de apoio produzido especificamente para este curso e seus processos educativos. Contar com textos e audiovisuais construídos especificamente para o curso, inclusive porque foram pensados para as ativistas, elaborados a partir da vivência política das mulheres e fundamentados numa perspectiva feminista e antirracista crítica ao sistema político, foi um diferencial importante.

Para a Universidade Livre Feminista foi uma experiência ímpar, que nos permitiu aprender mais e aprofundar a reflexão sobre o papel das educadoras feministas na educação a distância e o seu lugar diferenciado no processo de aprendizagem. Um lugar distinto daquele ocupado pelas participantes, mas também longe daquele tradicional ocupado por parte significativa de professores e tutores. Apesar da relação entre educadoras e educandas não ser horizontal, posto que as educadoras foram remuneradas, tinham horários fixos para entrada no fórum ao longo dos meses de duração do curso, participaram do processo de elaboração dos materiais e outras atividades, também não se situou em nível de superioridade, possibilitando assim um diálogo profícuo com as participantes.

Desafios pedagógicos para as organizações feministas:

Explorar as ferramentas virtuais, de modo a entender de que maneira elas podem suprir a nossa carência de formação e circulação de informações.

O desafio da criatividade com as ferramentas virtuais é grande, precisando dominá-las para poder construir possibilidades.

Aprofundar o debate no sentido de formular e orientar uma concepção pedagógica para a Universidade Livre Feminista, voltada à educação popular feminista.

Estimular a reflexão entre educadoras feministas sobre as diferentes exigências pedagógicas na educação presencial e a distância, por exemplo, qual a diferença que o elemento ‘ouvir as mulheres’ exige na formação presencial e virtual? Como discutimos o contexto e a experiência local em ambas as situações? Como tratamos a questão da corporeidade na educação a distância?

Aprimorar e fortalecer a capacidade das educadoras para facilitar processos de elaboração coletiva, sintetização de debates e elucidação de controvérsias, de modo a contribuir para que, além da apropriação individual dos conteúdos, o processo pedagógico também favoreça a elaboração e produção coletiva de pensamentos.

Maior e melhor apropriação das concepções teóricas e metodológicas da EAD e de suas ferramentas tecnológicas pelas equipes que desenvolvem os cursos.

Articular melhor a relação entre o perfil das participantes, o conteúdo a ser abordado e a metodologia a ser desenvolvida.

Aprofundar o debate e a produção de conteúdos que tratem da relação entre EAD e feminismo, sobretudo, sobre como fazer uma EAD feminista, com base no que há de acúmulo de uma pedagogia feminista ou da prática educativa feminista, de modo a enriquecer o diferencial da *Universidade Livre Feminista* em relação a outras propostas de EAD feminista que existem.

Construir alternativas para enfrentar o problema da ausência de mulheres, ou evasão, dos cursos em decorrência da exclusão digital.

Anotações para os cursos futuros

Os cursos precisam de uma divulgação mais dirigida aos grupos de mulheres que queremos atingir. Não basta estar disponível na internet. Por

exemplo, no caso de uma reflexão sobre o sistema político, vale a pena investir no contato com setoriais de mulheres de partidos e organizações sindicais que estão integradas ou próximas ao nosso movimento.

É preciso investir no aperfeiçoamento do ambiente *moodle*, de modo a torná-lo mais acessível e amigável para as pessoas.

Buscar fortalecer e(ou) estabelecer vínculos orgânicos com os grupos de mulheres e movimentos aos quais os cursos estejam dirigidos.

Desenvolver cursos sobre questões pontuais, que exijam menos textos-base, e provoquem mais discussão.

64

Desenvolver e(ou) fortalecer as capacidades de facilitação das educadoras, para a devolução dos achados, das sínteses e das controvérsias, enfim de todos os conteúdos valiosos impulsionados a partir do debate coletivo.

Desenvolver cursos bem organizados e orientados, que dispensem tutoria direta, dada a exiguidade de recursos

Desenvolver instrumentos apropriados para trabalhar a subjetividade e a corporeidade na EAD: desenhos, imagens, entre outros;

Desenvolver metodologias para a EAD que contribuam para evitar a sobreposição dos saberes acadêmicos em relação aos populares, das elaborações teóricas sobre as experiências vivenciais.

Preparar um tutorial sobre como utilizar a *Plataforma Moodle*.

Estrutura dos cursos e materiais utilizados

Nosso curso foi desenvolvido em duas edições: a primeira com três módulos e a segunda com dois. Nossa equipe contou com 12 educadoras, uma coordenação e secretaria de curso, um assistente e um técnico em informática. Tivemos 392 participantes inscritas nas duas edições. A primeira edição foi ao ar de maio a julho de 2013, desenvolvida em 3 módulos, cada um com duração de 4 semanas. O curso teve início com um fórum de debates de apresentação das participantes e das educadoras; na sequência cada módulo foi baseado em uma ementa, objetivos, questões orientadoras, participação requerida e disponibilização de subsídios. Descrevemos os módulos sinteticamente a seguir.

Módulo 1: Participação política das mulheres e a agenda feminista

Objetivos

1. Provocar a reflexão crítica sobre a democracia liberal e suas limitações à participação política das mulheres, considerando a vigência das estruturas de dominação patriarcal e racista e de exploração capitalista, bem como outros elementos conjunturais e históricos restritivos e excludentes;
2. Trazer à luz as formas de participação construídas e experimentadas pelas mulheres, em contextos marcados pelas desigualdades de gênero, raça e classe social;

65

Subsídios

Vídeo de apresentação do módulo I - <http://vimeo.com/63348556>

Leitura obrigatória: Participação política das mulheres e agenda feminista, de Luana Natiele e Maria Lúcia de Oliveira, 2013

Leitura complementar: Mulheres pela Reinvenção da Política - Boletim Articulação de Mulheres Brasileiras - Beth Ferreira, Kelly Kotlinski e Patrícia Rangel; 2009. O Feminismo e a situação das mulheres na política - Silvia Camurça, 2008. Mulheres negras e poder: um ensaio sobre a ausência - Sueli Carneiro, 2012. *Vídeo:* A Política: Artigo Feminino - <http://vimeo.com/6486193>, Direito ao aborto e liberdade de escolha das mulheres - <http://vimeo.com/15594016>. Desafios do(s) feminismo(s) na perspectiva da transformação social - Guacira César de Oliveira, s/d.

Para reinventar a política: a AMB e as estratégias de ampliação da participação política das mulheres - Beth Ferreira, s/d.

Módulo 2: Crítica feminista ao sistema político

Objetivos

1. Analisar como os elementos do sistema político estão intrinsecamente influenciados pelo racismo, patriarcado e capitalismo e como a ideia de democracia está restrita às práticas de representação, uma experiência quase exclusivamente masculina, que nega a diversidade de formas de participação que as mulheres vêm exercitando ao longo de sua história de resistência.
2. Contribuir para que mulheres, conectadas com o movimento feminista

e envolvidas com processos eleitorais, aprofundem e fortaleçam sua capacidade de crítica ao sistema político brasileiro, a partir da experiência de exclusão e(ou) inclusão subordinada das mulheres.

Subsídios

Vídeo de apresentação do módulo - <http://vimeo.com/65502168>)

Leitura obrigatória: Crítica feminista ao sistema político brasileiro - Rivane Arantes, 2013

Leitura complementar: Iniciativa Popular pela Reforma Política - Cartilha, (opcional) Ponto de vista feminista sobre a reforma política - CFEMEA, s/d, O que os parlamentares pensam sobre as mulheres na política? - CFEMEA - Patrícia Rangel, 2001 e A participação das mulheres e a reforma política - Betânia Ávila, 2007.

66

Módulo 3: Mulheres, feminismo e campanhas eleitorais

Objetivos

1. Discutir as experiências de mulheres nas campanhas eleitorais, com ênfase em mulheres ativistas de movimentos sociais e(ou) feministas;
2. Indicar ideias e possibilidades para realização de campanhas feministas nas eleições 2014 e nas próximas que virão.
3. Impulsionar a participação na campanha pela reforma do sistema político.

Subsídios

Vídeo de apresentação do módulo 3 - <http://vimeo.com/66561964>

Leitura obrigatória: Mulheres, feminismo e campanhas eleitorais - Carmen Silva, 2013

Leitura complementar: Vídeo complementar - Carmen Silva, O que defende a AMB e os movimentos sociais - <http://www.reformapolitica.org.br/reforma-politica-em-tv/325-reforma-politica-o-que-defende-a-amb-e-outros-movimentos-sociais-entrevista-carmen-silva-.html>), Reforma do Sistema Político - Projeto de Lei de Iniciativa Popular (<http://www.reformapolitica.org.br/reforma-politica-em-tv/279-reforma-do-sistema-politico-projeto-de-lei-de-iniciativa-popular.html>), Spots de Rádio do CFEMEA - http://cfemea.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2885:campanha-de-radio-mobiliza-mulheres-para-as-eleicoes-deste-ano-&catid=213:noticias-e-eventos&Itemid=148

A partir da avaliação da primeira edição constatamos que os três meses de curso foram muito cansativos para as mulheres; era preciso reduzir sua duração. Reorganizamos os módulos, pois a dispersão do assunto em três módulos diferentes deixou as participantes confusas. Parte das educadoras colocou a impossibilidade de dar continuidade ao processo, em função de demandas de trabalho; a equipe foi reduzida para três educadoras, uma coordenadora e a secretaria de curso, dando o suporte técnico. Desta forma, a segunda edição, com duração de apenas um mês e meio - agosto a setembro de 2013 - foi organizada contando com a maioria dos mesmos subsídios, porém com os seguintes objetivos.

67

Módulo 1: Participação política das mulheres e a agenda feminista antirracista

Objetivos

1. Tecer uma crítica feminista à democracia liberal e à concepção de democracia brasileira e a partir desta refletir sobre as interdições patriarcais, racistas e capitalistas à participação das mulheres nos diversos espaços de participação e representação política;
2. Refletir sobre a importância de nossa auto-organização (como sujeitos coletivos) e nosso poder individual para reinventar a política;
3. Debater as dificuldades de incorporação das lutas e agenda feminista antipatriarcal, antirracista e anticapitalista nos espaços institucionais e na sociedade em geral.

Módulo 2: Crítica feminista ao sistema político

Objetivos

1. Analisar como os elementos do sistema político estão intrinsecamente influenciados pelo racismo, patriarcado e capitalismo e como a ideia de democracia está restrita às práticas de representação, uma experiência quase exclusivamente masculina, que nega a diversidade de formas de participação que as mulheres vêm exercitando ao longo de sua história de resistência.
2. Contribuir para que mulheres, conectadas com o movimento feminista e envolvidas com processos eleitorais aprofundem e fortaleçam sua capacidade de crítica ao sistema político brasileiro, a partir da experiência de exclusão e/ou inclusão subordinada das mulheres.

